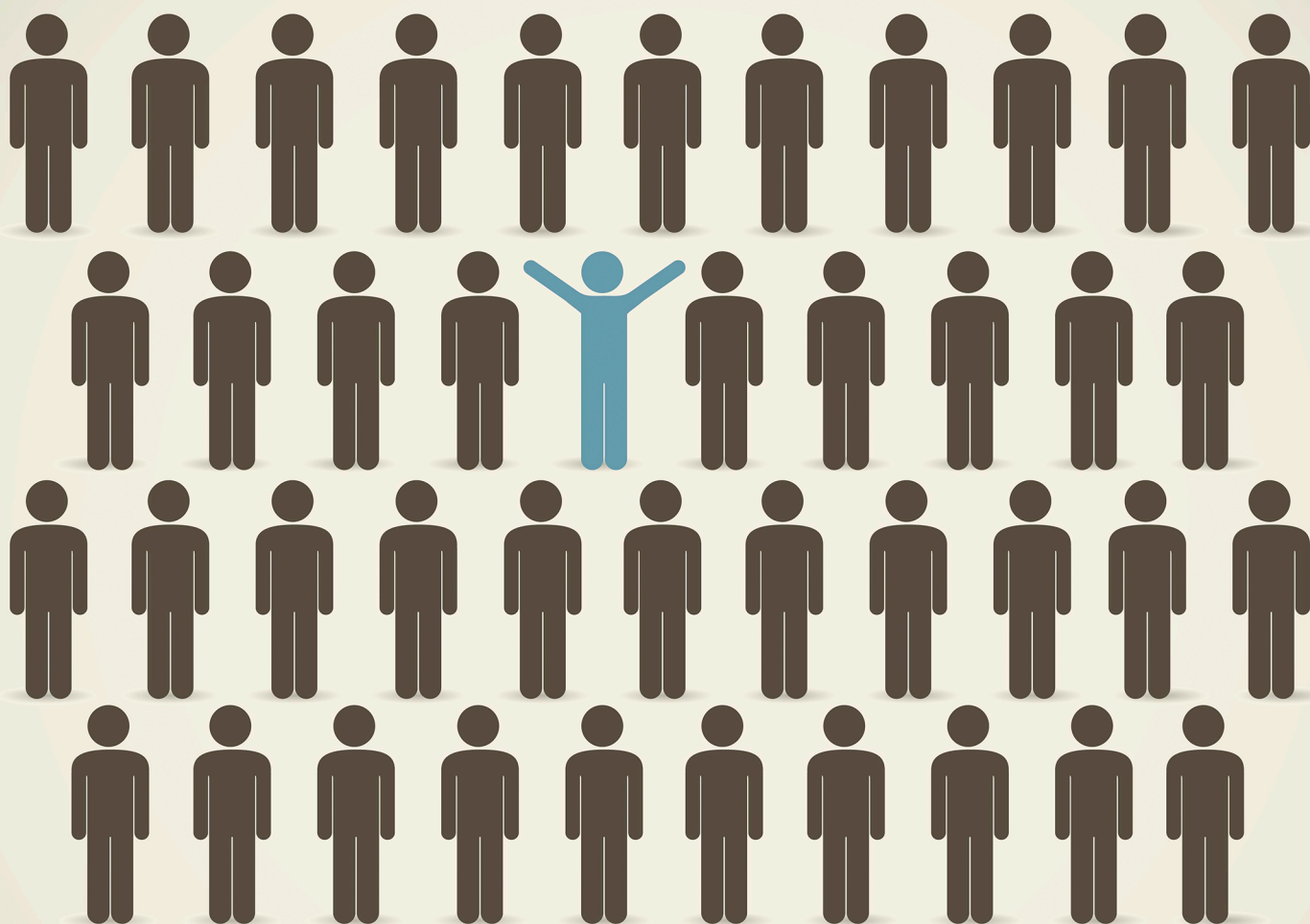


TENDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICO-TEÓRICAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

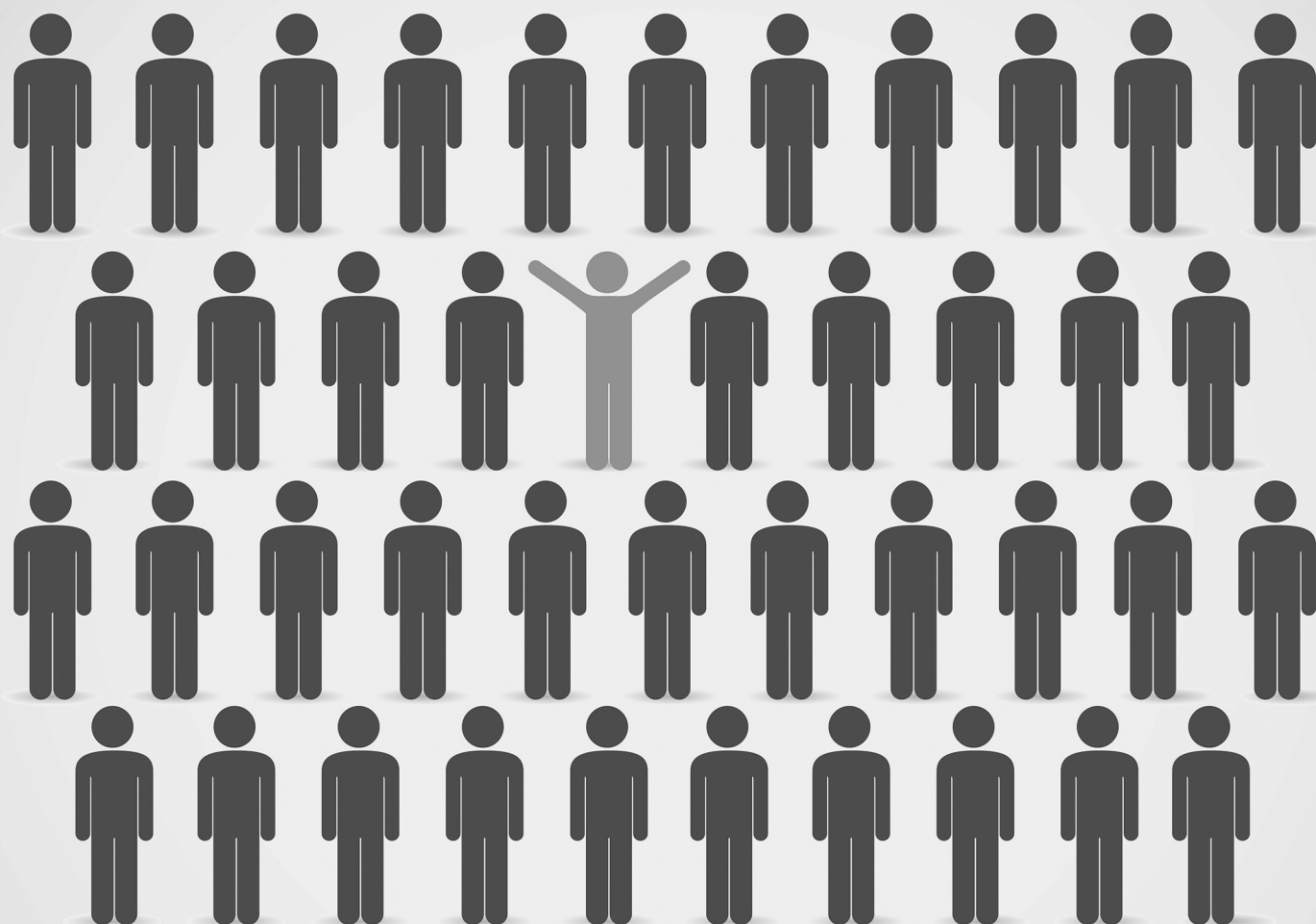
Denise Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

TENDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICO-TEÓRICAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

Denise Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T291	<p>Tendências epistemológico-teóricas das ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-039-1 DOI 10.22533/at.ed.391201205</p> <p>1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Pereira, Denise.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A epistemologia transformou-se numa área relevante para as ciências sociais aplicadas, muitos pensadores e intelectuais têm dedicado parte de seu tempo para refletir este tema complexo e amplo, considerados como os mais importantes críticos, muitas vezes, até radicais no questionamento da ciência e da tecnologia, pois, as mesmas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Vivemos um momento do triunfo da ciência. Tudo indica que é a civilização científico-técnica que elabora, sob medida, as condições ideais de nossa existência.

Etimologicamente, “Epistemologia” significa discurso (logos) sobre a ciência (episteme), (Episteme + logos). Epistemologia: é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. É o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento.

A tarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico.

O conhecimento científico é provisório, jamais acabado ou definitivo. É sempre tributário de um pano de fundo ideológico, religioso, econômico, político e histórico.

De modo geral, este tema é tratado em relação às Ciências Sociais aplicadas como um todo. Mas a ênfase na discussão epistemológica aqui apresentada será aplicada às Ciências Sociais para, a partir de tais análises, ser possível pensar a questão da pesquisa científica na investigação do fenômeno como um todo.

Espero que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
HISTÓRIA E LEGALIDADE DO TERCEIRO SETOR	
Marlene de Fátima Campos Souza	
Eric Matheus Cescon Smaniotto Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3912012051	
CAPÍTULO 2	15
INDICADORES GERENCIAIS DA SANESUL: ANÁLISE DO PLANO DE METAS E SUA APLICAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL	
Rodrigo Custódio de Mello Sogabe	
Marco Antonio Costa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3912012052	
CAPÍTULO 3	32
INTERSECÇÕES PARA PENSAR AGÊNCIA IDENTIDADE E A EXPRESSÃO SOCIOPOLÍTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
Késia Marisla Rodrigues da Paz	
Reni Aparecida Barsaglini	
Marta Gislene Pignatti	
DOI 10.22533/at.ed.3912012053	
CAPÍTULO 4	43
MECANISMOS DE DESORDEM DA INFORMAÇÃO: A AUTONOMIA DOS INDIVÍDUOS DIANTE DA MANIPULAÇÃO DE FATOS E DADOS EM AMBIENTES DIGITAIS	
Marcus Vinicius de Souza Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.3912012054	
CAPÍTULO 5	49
MULHER, CORPO E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS COM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE	
Ayni Estevão de Araujo	
Leila Rodrigues Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.3912012055	
CAPÍTULO 6	62
NEGOCIAÇÕES COM UM AGRUPAMENTO MILITAR ESTATAL: O INÍCIO DE UMA ETNOGRAFIA COM O CORPO DE BOMBEIRO	
Talita Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3912012056	
CAPÍTULO 7	72
O PENSAMENTO EXISTENCIALISTA SARTRIANO E AS CONTRIBUIÇÕES AO DIREITO DO TRABALHO: INTERSECCIONALIDADES EM DEBATE NA LUTA POLÍTICA DOS/AS TRABALHADORES/AS	
Guilherme Baggio Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3912012057	

CAPÍTULO 8	86
PAPEL DA COMISSÃO DE ESTÁGIO PROBATÓRIO NA AVALIAÇÃO DO SERVIDOR MUNICIPAL	
Cristiane Cardozo Padilha	
DOI 10.22533/at.ed.3912012058	
CAPÍTULO 9	91
PARA ALÉM DA CRIATIVIDADE: OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO EM SETORES CRIATIVOS E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES ÀS ÁREAS TRADICIONAIS DA ECONOMIA	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.3912012059	
CAPÍTULO 10	105
PERSPECTIVA CRÍTICA DA SITUAÇÃO SOCIAL DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS	
Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos	
Bruna Carvalho Barros Rosa Nobre	
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti	
Sílvia Maria Ferreira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.39120120510	
CAPÍTULO 11	120
PLANEJAMENTO DA MOBILIDADE SUSTENTÁVEL: INDICADORES E ESTRATÉGIAS PARA CAMPUS UNIVERSITÁRIOS	
Lucas Pinto de Carvalho	
Jose Ricardo Marar	
DOI 10.22533/at.ed.39120120511	
CAPÍTULO 12	135
PROCESSO DE INDEXAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS	
Bianca Borges da Silva	
Janiely Martins Florêncio Mota	
José Demétrio Bantim de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.39120120512	
CAPÍTULO 13	145
PROCESSO DECISÓRIO E NEGOCIAÇÕES: A INSERÇÃO DA RÚSSIA NA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC)	
Hiaman Rodrigues Silva Santos	
Janina Onuki	
DOI 10.22533/at.ed.39120120513	
CAPÍTULO 14	159
QUEM DISSE QUE BULLYING É COISA DE CRIANÇA? UMA REVISÃO SOBRE A INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	
Mychelle Maria Santos de Oliveira	
Elizabeth Ribeiro Luz	
Dalila Sipaúba Rodrigues Moura	
Ana Maria da Cruz Souza Oliveira	
Sara Raquel Araújo Costa	
Maria Camila da Silva	
Adriana Ramos Queiroz	
Raimunda Nonata Melo Costa Simão	

Francisco Gabriel Santos de Oliveira
Raimundo Nonato Santos de Sousa
Jorge Henrique da Costa Abreu
Francisca Tatiana Dourado Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.39120120514

CAPÍTULO 15	173
REFLEXÕES ACERCA DE: MÍDIA, IDEOLOGIA E MITOS NA CONTEMPORANEIDADE	
Gabriel Papa Ribeiro Esteves	
DOI 10.22533/at.ed.39120120515	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	192
ÍNDICE REMISSIVO	193

REFLEXÕES ACERCA DE: MÍDIA, IDEOLOGIA E MITOS NA CONTEMPORANEIDADE

Data de aceite: 04/05/2020

Data de submissão: 05/02/2020

Gabriel Papa Ribeiro Esteves

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
<http://lattes.cnpq.br/0873733091024539>

RESUMO: Este trabalho busca compreender a dinâmica paradoxal entre ideologia, mito e doxa em uma sociedade permeada por meios de comunicação de massa. Pondera-se que a reflexão sobre a realidade social nos leva a considerar a multiplicidade de relações e processos pelos quais o corpo de conhecimento estabelecido pelos indivíduos se firma como realidade em contextos sociais específicos, orientando suas práticas cotidianas que se definem como cultura social. Para essa análise, foram buscadas ferramentas interpretativas funcionais nas abordagens das Ciências Sociais pela Teoria Crítica, Estruturalismo e Pós-estruturalismo, na medida em que remetem ao uso de um abstrato e, muitas vezes complexo, sistema teórico para descrever, explicar e analisar o mundo social, revelando o que permanece escondido do senso

comum, orientado por representações sociais compartilhadas coletivamente.

PALAVRAS-CHAVE: mito; ideologia; paradoxo da doxa; poder; mídia.

REFLECTIONS ABOUT: MEDIA, IDEOLOGY AND MYTHS IN CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: This paper seeks to understand the paradoxical dynamics established between ideology, myth and doxa in a society permeated by mass media. Thus, we consider that reflecting on social reality leads us to consider the multiplicity of relationships and processes by which the body of knowledge established by individuals is established as reality for them in specific social contexts, guiding their daily practices that are established as social culture. . And, therefore, it is in the approaches of Social Sciences by Critical Theory, Structuralism and poststructuralism that we can look for functional interpretative tools for this analysis, as they refer to the use of an abstract and, often complex, theoretical system to describe , explain and analyze the social world, revealing things that remain hidden from common sense, guided by collectively shared social representations.

KEYWORDS: myth; ideology; doxa paradox; power; media.

Este trabalho busca compreender, através das Ciências Sociais, qual a dinâmica da relação paradoxal estabelecida entre ideologia, mito e doxa numa sociedade permeada por meios de comunicação de massa. Deste modo, ponderamos que refletir sociologicamente acerca da realidade social nos leva a considerar a multiplicidade de relações e processos pelos quais o corpo de conhecimento estabelecido pelos indivíduos se estabelece como realidade para eles em contextos sociais específicos orientando suas práticas, que estabelecem a cultura. E para tanto é na teoria social que podemos buscar ferramentas interpretativas funcionais, na medida em que remete ao uso de um abstrato e muitas vezes complexo sistema teórico para descrever, explicar e analisar o mundo social, revelando coisas que permanecem escondidas ao senso comum orientado por representações sociais compartilhadas coletivamente.

Também prediz acerca de ações, atividades ou situações futuras, articulando o indivíduo e suas práticas sociais enquanto sujeito da cultura e as forças sociais que afetam suas vidas, onde as relações práticas condicionam a alocação dos indivíduos na sociedade, tendo como resultado, deste ser social, a consciência do indivíduo sobre sua própria realidade. Na relação entre os seres sociais há uma significação compartilhada onde a interação humana se dá pelos fundamentos simbólicos, ou seja, a realidade social influencia o indivíduo que a reproduz, mas impõe a ela características específicas de sua subjetividade, pois por mais que reproduza a dinâmica social quando age gera práticas e assim a sociedade continua num movimento onde a realidade social muda o indivíduo e é mudada por ele. Daí o nosso interesse em discutir esta questão, pois identificamos problemáticas nesse processo que precisam ser enfrentadas com reflexão crítica e ação prática efetiva, como a própria disseminação de um conhecimento sociológico e crítico sobre as lógicas de como a sociedade funciona.

Em tempos de tecnologias digitais de longo alcance espacial e temporal, esta reflexão, demanda problematizar quais papéis e funções as grandes instituições midiáticas - principalmente por estas se configurarem como meios de comunicação de massa, ou seja, têm suporte para transmitir informações para milhões de pessoas na sociedade - possuem na dinâmica das relações sociais, pois a própria tecnologia midiática é portadora de historicidade e identifica-se com grupos que detém seu domínio, uma vez que acaba sendo utilizada para a manutenção dos interesses de seus detentores em seus negócios, o que lhes basta como catalisadores da disseminação de ideologia (ADORNO; HORKHEIMER, 2006), ou seja, de “um sistema de ideias que pode ser discutido enquanto tal e também como forma de apreensão, de denegação ou, principalmente de construção da realidade e do mundo” (CATANI, 2017, p. 230). De acordo com Marshall McLuhan (1971) o próprio meio é a mensagem e o veículo em si, sua historicidade permite a compreensão do

conteúdo. Tratamos a grande mídia como instituição social, pois além de informar, nos coloca em contato com outras pessoas, nos permite aprender coisas que estão presentes em nossa relação com o mundo, logo acaba por funcionar como um agente de socialização dos indivíduos.

As instituições implicam, além disso, a historicidade e o controle. As tipificações recíprocas das ações são construídas no curso de uma história compartilhada. Não podem ser criadas instantaneamente. As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis. (BERGER; LUCMANN, 2014, p. 77).

O problema é que, na modernidade, a discussão de interesses públicos tem sido transformada por estas instituições empresariais em discussões que beneficiam interesses privados (HABERMAS, 1984), banalizando o conhecimento na medida em que a verdade dá lugar à credibilidade, se justificando pela sua própria circulação e oferecendo uma visão parcial da realidade que se apresenta como verdadeira (SODRÉ, 1990). O controle dos meios de comunicação está relacionado diretamente às estruturas de poder presentes na sociedade, o que faz dos meios de comunicação de massa instrumentos fomentadores de privilégios de alguns grupos (BOURDIEU, 1997), principalmente porque toda instituição jornalística midiática é veículo de luta por poder e por hegemonia ideológica, difundem a concepção de mundo de seus proprietários, acionistas e sustentadores. A construção da hegemonia de dominação desses grupos condiciona o surgimento dessa condição ideológica (NOGUEIRA, 2013).

Os indivíduos buscam informações em diversas fontes, porém esta diversidade está muito mais presente nas formas do que nos conteúdos, pois a lógica oligopolista do capital é presente também nesse setor, onde os mesmos grupos midiáticos muitas vezes detêm diversas formas de divulgação de conteúdo como rádio, imprensa, canais de televisão e sites (NOGUEIRA, 2013), logo a opinião pública relaciona-se com as articulações midiáticas dos meios de comunicação de massa na medida em que é por eles que se sintetizam muitas das representações da história, da cultura e da sociedade através de uma narrativa contínua e com grande amplitude social e cuja consequência é uma tendência à fabricação do consenso (CHOMSKY, 2013) – o consenso não é o mesmo que o conhecimento, porém o discurso midiático é o de que consenso e conhecimento se equivalem e todo discurso é um sintoma, é um indicador de uma prática efetiva e dos meios de conhecê-la, pois não há práticas sem representações que as fundamentem – que se relaciona com o contexto de produção dos discursos conforme delineia contornos da realidade enquadrando os valores dos grupos dominantes como valores universais e ofuscando consciências

ao possibilitar uma potencialização da alienação dos indivíduos de sua conjuntura sociocultural viabilizando práticas sociais contraditórias por parte dos grupos dominados cujas convicções encontram respaldo na sociedade (e nas ideias dominantes no âmbito cultural) e no simulacro¹ da realidade, em perspectiva, que lhes é apresentado objetivamente, uma vez que a própria realidade é construída socialmente numa relação entre realidade objetiva e subjetiva, onde instituições e indivíduos interagem de maneira criativa e relacional de forma em que a realidade não existe fora da percepção (BERGER; LUCKMANN, 2014) e grande mídia acaba exercer papel ambivalente.

Mas sua ambivalência também cresce: muitas vezes sem querer informa e politiza, ajuda a impulsionar posturas críticas e a “destraditionalizar”; em outros momentos, pode referendar unilateralmente o *status quo* e questionar a contestação. Relativiza, enfraquece vínculos coletivos, hipostasia as imagens, rebaixa e submete o debate público e suas regras técnicas [...] (NOGUEIRA, 2013, p. 189).

A insurgência se dá através de rupturas com os consensos tácitos (HONNETH; FRAZER, 2003), porém as notícias levam informações prontas e acabadas ao indivíduo sem propor reflexão e o estimulando a concordar que a realidade social é a perspectiva que lhe é mostrada, afinal o que é a realidade senão aquilo que conhecemos como tal? E parte desse conhecimento vem daquilo que as notícias da mídia trazem como tal para o centro da esfera pública e enquadram como realidade objetiva.

Notícias não são meras traduções mecânicas de fatos ou dados da realidade, Não são “informações”, mas elaborações que interessam aos cidadãos e modificam opiniões, ideias e posicionamentos. São construções intelectuais feitas mediante seleções, ideologias e valorações, que carregam consigo, portanto, uma interpretação prévia e uma intenção. Notícias também costumam ser seletivas em termos daquilo que é destacado ou daquilo que é omitido. O jornalismo, nessa medida, pode manipular omitindo fatos, dando ênfases seletivas ou fazendo com que certos detalhes se tornem fatos simplesmente por serem destacados (NOGUEIRA, 2013, p. 196).

A esfera pública seria onde as práticas sociais reproduzem as representações simbólicas coletivas da sociedade num processo que fomenta uma ordenação moral. O que dificulta um processo de tomada de consciência das pessoas de sua própria condição na sociedade é justamente este enquadramento intencional, principalmente num contexto em que as mídias fomentam informação demais e aprofundamento de menos nos colocando na condição de subinformação crônica, que influencia fortemente as pautas sociais que ganham espaço nas notícias jornalísticas - mesmo as pautas que ganham as redes sociais e as formas como elas são discutidas -, na qual nunca conseguimos estabelecer uma visão de fato holística de nossas disposições e práticas sociais (NORA, 1995). Toda percepção

1. Segundo Jean Baudrillard (1991) simulacros seriam representações sobre um fato que podem não significar o realmente ocorrido.

fragmentada e superficial da realidade social tende a ser conservadora e justificar o que já existe, dada a “ocultação sistemática de todos os conflitos sociais fundamentais que perpassam uma sociedade tão desigual em nome da tradição” (SOUZA, 2015, p. 90) e a lógica de dominação expressa-se através de intelectuais, jornalistas e especialistas orgânicos que figuram com protagonismo através das instituições midiáticas, produzindo conhecimentos que tornam-se muitas vezes a interpretação dominante (SOUZA, 2015).

Este processo social recorrente nas sociedades capitalistas da modernidade contemporânea se trata de um círculo vicioso, pois sem um estímulo ao pensamento crítico grande parte da sociedade, grupos dominantes e dominados; explorados e exploradores; vencedores e vencidos no espaço social, reproduz a dominação, as crenças e as injustiças que dela emanam, dando início a opressão cultural que naturaliza desigualdades e violências físicas e não físicas simetricamente reproduzidas na esfera pública onde o indivíduo é a referência para a realização da sociabilidade (OLIVEIRA, 1999, p. 55), porém a cultura, nesse dado contexto, normatiza a lógica dos conflitos sociais de modo que os indivíduos a internalizem espontaneamente quando preparados pelo cotidiano e tradição – onde a aceleração do tempo e a extensão do trabalho em toda a vida do indivíduo o desestimula a refletir e insurgir contra esta situação por ocupar o seu tempo e o obrigar a ter de garantir condições de subsistência através da submissão à lógica da exploração do trabalho (HUWS, 2015). “A força da mídia é um dado sistêmico nas circunstâncias atuais e os atores políticos que queiram projetar o futuro precisam conviver com isso” (NOGUEIRA, 2015, p. 201).

As crenças são os fundamentos da ordem social, uma vez que formam um sistema simbólico estruturante por fornecer diretrizes morais, políticas e econômicas aos sujeitos, criando um conjunto de representações, ou seja, a base de construção de significados forjados no seio da cultura através das relações sociais intersubjetivas e institucionais que se ancoram no exercício da violência simbólica que seria uma maneira de violência exercida imaterialmente causando danos morais e psicológicos. Sustenta-se no reconhecimento de imposições na fabricação contínua de crenças que influenciam os indivíduos a alocarem-se socialmente segundo os discursos dominantes legitimamente reconhecidos, reproduzindo simbolicamente o poder das classes dominantes, o que constitui o poder simbólico. Sendo as classes sociais o conjunto de agentes situados em posições próximas no espaço social que se distinguem de outras classes situadas em posições distintas (CATANI, 2017).

Dizendo poder, não quero significar o “poder”, como um conjunto de instituições e aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos num determinado estado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha forma de regra. Enfim, não entendo o poder como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por

derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular como dados iniciais a soberania do Estado, a forma de lei ou a unidade global de dominação; estas são apenas, e antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais (FOUCAULT, 1988, p. 88).

As *illusios* – crenças produzidas através da violência simbólica exercida contínua e ininterruptamente - se transformam em fé prática, em opinião convicta estabelecida como verdade (*doxas*) através de sua disseminação no cotidiano pelos dispositivos de poder dos grupos dominantes como as instituições midiáticas oligopólicas.

[...] a noção de *illusio* reflete uma cumplicidade e um ajustamento entre as estruturas mentais dos sujeitos (seu *habitus* ou suas disposições) e as estruturas objetivas (os próprios campos, suas regularidades, os alvos em jogo, as disputas) manifestados numa tendência a ação, ao investimento, que nasce desse acordo. (CATANI, 2017, p. 231).

As *doxas* se tornam paradoxais na medida em que reproduzem e enraízam a dominação no senso comum, irradiando para as subjetividades individuais através das relações sociais que criam compartilhamentos de representações. A subjetividade é a capacidade humana de expressar intelectualmente sua existência individual através das trocas de experiências em grupo. É como o indivíduo instala sua originalidade e criatividade ao que é dito; feito e pensado com os quais se relaciona com o mundo social. A subjetividade é, portanto, constituída a partir do *habitus*, ou seja, a trajetória individual no espaço social, em relação aos grupos e instituições com os quais se relaciona, tornada presente espontaneamente, tornada corpo, naturalizada como uma disposição para práticas e esquecida de sua própria gênese, elemento que confere às práticas sua relativa autonomia em relação a determinações externas do presente imediato, é o princípio não escolhido de todas as escolhas (BOURDIEU, 2013). A *doxa* é uma forma de expressão da subjetividade que permite, quando paradoxal com a condição de dominado do indivíduo, a reprodução da ideologia dominante, pois, neste caso, o indivíduo se expressa pela sua ignorância, nutrido por sua convicção ideológica desenvolvida como subjetividade e expressada em suas práticas sociais (SOUZA, 2003).

[...] paradoxo da doxa: o fato de que a ordem do mundo tal como está, com seus sentidos únicos e seus sentidos proibidos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e suas sanções, seja, grosso modo, respeitada; que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e “loucuras” [...] ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças,

salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se depois de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. [...] submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, em última instância, do sentimento. [...] oferece também uma ocasião única de aprender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) [...] (BOURDIEU, 2017 p. 11-12).

Nesta conjuntura temos campo fértil para o assujeitamento dos indivíduos pela proliferação de uma ideologia que interesse aos grupos de maior poder na sociedade, – um conjunto de ideias que é produto e produtor da realidade social (SCHWARZ, 2000) -, ou seja, uma construção cultural de disposições, práticas sociais e discursos nos quais os indivíduos não reconhecem as condições sociais, históricas e econômicas que delimitaram sua elaboração, dissimulando a dominação de alguns grupos sobre os outros, pois as ideias dominantes em uma sociedade tendem a ser as ideias das classes dominantes que controlam os meios de produção de que a sociedade necessita para se reproduzir – como as próprias instituições de comunicação de massa -, falseando a realidade através de representações omissas formadoras de um conhecimento ilusório que mascara conflitos (MARX; ENGELS 1979). Em outras palavras, a ilusão social se dá como resultado da dominação de classe e a produção da ignorância (os meios de comunicação de massa são catalisadores deste processo). “Seja como for, é inegável que a presença de oligopólios midiáticos bloqueia a diversidade de opinião e facilita o processo de ideologização (...)” (NOGUEIRA, 2013, p. 198), assim, são delimitadas as subjetividades que se expressam como crenças tomadas como verdadeiras e convertidas em convicção que legitima práticas sociais, estas são incoerentes, se analisadas sociologicamente, dada a ignorância que muitos sujeitos têm da sua real implicação contraditória de dominação. Estas crenças ilusórias alienam os dominados de sua consciência de si em relação à sociedade, possibilitando a reprodução da hegemonia dos grupos dominantes e a concretização da dominação na medida em que os dominados reproduzem práticas sociais de dominados por agirem de acordo com os interesses dominantes, pensando estar agindo por seus próprios interesses.

A sociedade contemporânea se tornou fragmentada ao passo que o discurso de que a fragmentação é normal se fortaleceu atomizando os indivíduos e os grupos que compõem a sociedade e, assim, gerando uma coletividade seletiva na qual a colaboração social é substituída pelas disputas por hierarquias sociais, ofuscando a percepção, pelos indivíduos, da essência holística da sociedade. O individualismo é por excelência uma ideologia do mundo moderno produzida socialmente em relações

de poder que caracterizam o conjunto de ideias e valores de uma sociedade onde o “eu” é representado culturalmente como superior em importância ao “nós” sem se construir o senso de que o indivíduo só existe no grupo, legitimando o egoísmo como prática social no senso comum (DUMONT, 1977).

Essa ideologia expressa valores e vem carregada de ideias sobre a sociedade, a realidade e as relações sociais, forma o terreno sobre o qual os homens tomam consciência de si e tem por função conservar a lógica da dinâmica social (GRASMCI, 1989), orientando os indivíduos para a conservação e estabilização da ordem social de forma estrita (MANHEIM, 1976), estruturando símbolos para significar a realidade e naturalizar processos históricos pela generalização do particular, ou seja, por tratar o específico como geral, pois qualquer ponto de vista tomado como realidade geral é um falseamento da realidade, onde o mundo invertido é, na verdade, apenas um momento do falso (DEBORD, 1997). É assim que a dominação se constitui na dinâmica social onde o sujeito acaba por ser a dimensão política da cultura e sua identidade se constrói pela coerção cultural que o impele a uma busca por um pertencimento discursivo constituído em relação com as subjetividades e clivagens coletivas que se formam na esfera pública na qual o individualismo egocêntrico impera (APPADURAI, 2004).

A subjetividade moderna individualista é disseminada e incorporada como valor e nesse sentido a sociedade acaba por se fazer de uma formação discursiva pautada num consenso que prevalece na disputa intersubjetiva dos sujeitos através do exercício de poder dos dispositivos da tradição dominante. O problema é que a percepção de uma realidade, onde existem grupos privilegiados no exercício do poder, de forma consensual marginaliza qualquer dissenso que atente contra esses próprios privilégios (HALL, 2003). E as possibilidades de superação das injustiças presentes se esfacelam pela repressão aos grupos que questionam esta representação da realidade social (MOUFFE, 1996). Percebemos que esse cotidiano de conflitos compõe-se de ambivalências que surgem na medida em que o consenso é questionado a partir das margens numa disputa pela produção do próprio conhecimento sobre a realidade, algo que se potencializa com o alvorecer das redes sociais digitais que ampliam as redes de sociabilidade e de produção de discursos e perspectivas acerca da conjuntura da dinâmica social (BHABHA, 1998), porém suas pautas ainda estão fortemente influenciadas pelos direcionamentos dos meios de comunicação de massa. Podemos pensar esta conjuntura, por homologia, como uma continuidade do processo civilizador da cultura moderna, pois esses aspectos passaram por um longo processo de desenvolvimento para tomar a forma que conhecemos, formas que os grupos dominantes, os grupos de poder, as elites, historicamente e tradicionalmente constituídas, constituíram criando e recriando normas para conter impulsos ou ações e permitir que a sociabilidade ocorra dentro

de códigos comuns a todos e é por meio deles que o indivíduo aprende a lidar com os integrantes de seu grupo e com os grupos diferentes do seu.

Esta lógica representa os interesses dos grupos dominantes convertidos nos interesses coletivos de toda a sociedade através da concretização desses discursos nos sujeitos como ideologia na qual o corpo social reproduz essa dinâmica como seu próprio projeto de sociedade (ELIAS, 1994). O discurso é formulado numa ordem na qual aqueles que ocupam posições sociais privilegiadas de poder o determinam por meio de uma rede discursiva que consolida o poder e cujo papel das instituições é sustentar e legitimar, definindo todo o conjunto de signos que devem acompanhar as práticas sociais e qual verdade se quer que seja verdadeira, como mecanismos de dominação, e institucionalização dos saberes, espalhados por toda sociedade como dispositivos de poder, dentre os quais as instituições midiáticas são notáveis exemplos que ressignificam constantemente a realidade a partir da produção de significados em representações coletivas que orientam e fundamentam as representações individuais em prol dos grupos dominantes - eles próprios donos das instituições midiáticas (FOUCAULT, 1996). Estes, têm de oferecer uma percepção razoável da realidade, inculcando as convicções certas de forma a configurar suas representações como realidade (CHOMSKY, 2013). A grande mídia em geral alicerça seus discursos em análises de especialistas que muitas vezes são intelectuais orgânicos que dizem como as coisas deveriam ser na sociedade, disseminando a ideia de que seria absurdo se fosse diferente, substituindo uma concepção que atribua importância às instituições e às preferências individuais condicionadas pela cultura por uma concepção onde os indivíduos têm preferências fixas, de forma a simplificar a realidade.

É necessário, também, falsificar completamente a história. Essa é outra maneira de superar as tais restrições doentias: passar a impressão de que quando atacamos e destruimos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos, e assim por diante. (CHOMSKY, 2013, p. 36).

Dessa forma, qualquer ameaça ao *status-quo* acaba por ser significado como uma ameaça à coesão social e a tentativa de romper com a dominação é construída socialmente como um ataque a toda sociedade e assim grande parte dos grupos dominados passam a defender espontaneamente os grupos dominantes ao lutar contra estas insurgências e pela manutenção da ordem como um projeto que interessa a todos, quando na verdade interessa a poucos; “(...) eles podem impor ao conjunto da sociedade seus princípios de visão de mundo, sua problemática, seu ponto de vista” (BOURDIEU, 1997, p. 66). Os dominantes estabelecem sua hegemonia na medida em que faz seu projeto de sociedade ser aceito pelos dominados através da persuasão de ideias dispersas por aparelhos como a grande mídia que penetra no senso comum a perspectiva dos dominantes como a única possível, naturalizando

o histórico de dominação social.

A supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como 'domínio' e como 'direção intelectual e moral'. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a "liquidar" ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais da conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também 'dirigente'. (...) Pode e deve haver uma atividade hegemônica mesmo antes da ida ao poder e não se deve contar apenas com a força material que o poder confere para exercer uma direção eficaz. (GRAMSCI, 2001, Cad. 19 (1934-1935, p. 62-63).

A construção de um perigo comum a todos potencializa uma coesão social confortável às classes dominantes ao colocar os conflitos sociais num segundo plano. Por exemplo, o projeto da ditadura civil-militar brasileira foi consolidar essa concepção e isto é visível nas muitas representações do regime a partir da justificativa de se impedir que os inimigos da sociedade e seus valores a destruam com seus projetos, porém estes inimigos são delimitados a partir da perspectiva dos dominantes por serem justamente questionadores da dominação e, portanto são enquadrados como inimigos da sociedade e assim os dominados muitas vezes os tomam como seus próprios inimigos. Isto permite a construção de um senso de legitimidade de golpes sempre que a perspectiva de rompimento com os interesses dominantes se tornar expressiva institucionalmente e/ou socialmente. Assim se produziu o golpe de 1964 no Brasil e toda a ditadura que dele se sucedeu, assim se produz ondas cíclicas de autoritarismos e políticas públicas de austeridade no mundo todo e os subsequentes retrocessos de direitos civis, sociais e políticos sob o argumento de se preservar os interesses gerais da sociedade, quando na verdade o que se preserva é a concentração do capital e da exploração do trabalho, a concentração da propriedade privada dos meios de produção dos bens sociais e simbólicos e os interesses das elites dominantes e especuladoras no cenário regional e mundial. Os interesses do mercado de capitais mundial e dos que lucram com ele são difundidos como os interesses da sociedade em si. Estes retrocessos convertem direitos em mercadorias e quem pode pagar por eles os acessa e quem não pode passa a ser impelido a entrar na lógica da exploração do trabalho para tanto. Em suma, desenvolve-se uma lógica de meritocracia, que passa a ser significada como alternativa possível de rompimento com a precarização da vida dos dominados, mas que acaba por ser a própria força motriz da manutenção da ordem.

Acontece que os dominantes recusam uma consciência sobre a história (DEBORD, 1997), pois isto os coloca como os exploradores e causadores de injustiças e assim produzem representações, consolidadas pela disseminação dos dispositivos de poder como os meios de comunicação de massa, que reproduzem

ideologias que ressignificam a realidade para os dominantes e para toda a sociedade, gerando uma cumplicidade de todo o grupo. Esta condição de desconhecimento coletivo só é possível porque nesta mentira do grupo para com ele mesmo não há enganadores nem enganados (BOURDIEU, 2008), temos uma ideologia que mascara para toda a sociedade sua real condição.

O capitalismo se mantém mediante a construção discursiva de legitimidades capazes de oferecer perspectivas sedutoras e estimulantes para as pessoas.

A qualidade do compromisso que se pode esperar depende, antes, dos argumentos alegáveis para valorizar não só os benefícios que a participação nos processos capitalistas pode propiciar individualmente, como também as vantagens coletivas, definidas em termos de bem comum, com que ela contribui para todos. Chamamos de espírito do capitalismo a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 39).

A justificação do capitalismo, portanto, supõe referência a constructos de outra ordem, da qual derivam exigências completamente diferentes daquelas impostas pela busca do lucro. O sistema se mantém obtendo recursos fora de si mesmo, nas crenças que têm poder de persuasão, nas ideologias. Quando é confrontado pela crítica, o capitalismo mobiliza um “desde sempre”, cuja legitimidade é garantida, à qual ele dará formulação nova, associando-a à exigência de acumulação de capital.

A realidade social do capitalismo moderno globalizado inventou a promessa desenvolvimento perpétuo e inclusão social permanente como um projeto de civilização que mascara a manutenção de elites cada vez mais restritas e mais monopolizadoras dos dispositivos de poder e enfrenta os conflitos insolúveis que surgem das contradições expostas através de uma fuga para frente enquanto o globo encolhe e os horizontes se reduzem ao presente em que o capital se reproduz impulsionando a barbárie e para impedi-la estabelece um permanente estado de exceção contra qualquer ameaça à ordem estabelecida significado como a normalidade da sociedade nos discursos e práticas sociais de sujeitos e instituições. Este processo se completa na medida em que os indivíduos e grupos que compõem a sociedade se atomizam e tomam para si a representação naturalizada desta realidade sem perceber que o projeto de crescimento infinito do capital se depara com a finitude do sistema de recursos e, portanto, o problema da dominação na sociedade capitalista é que as mídias de massa contribuem fortemente na produção de ilusões para toda a sociedade sobre a real condição sua existência enquanto espécie para preservar privilégios de poucos, porém os custos destes privilégios são os riscos que nossa sociedade assume para com sua existência, pois isso delega à marginalidade que o problema em voga é de todos e defender apenas os próprios interesses desconsiderando o todo é condenar a si mesmo ao lado da própria humanidade (ARANTES, 2014).

A fabulação da realidade é feita de procedimentos e representações afiançados

numa relação de experiência entre o eu o outro e o coletivo (público) delineando uma adesão coletiva de convicção em um sistema de interpretação estruturado de forma a naturalizar a realidade social e suas contradições imanentes. Esta naturalização se faz na medida em que a ideologia dominante opera como verdadeiro mito moderno ao sustentar a eficácia simbólica que as *doxas* paradoxais surtem sobre os sujeitos, descontradizendo o contraditório, resignificando suas práticas sociais e ordenando sua condição social como legítima e impedindo-os de perceber as contradições inerentes à suas práticas ao passo que harmoniza a realidade pela produção de sistemas simbólicos coerentes estruturados na tradição que sintetiza particularidades no coletivo atribuindo lógica à ação paradoxal, que adquire sentido através das significações coletivas estruturadas ideologicamente em torno dela ao conectar categorias e narrativas. Ou seja, os indivíduos não escapam, em maior ou menor grau, destes efeitos ideológicos ao passo em que seu grupo tradicionaliza persuasivamente os fundamentos das *doxas* paradoxais cuja satisfação da verdade se faz pela coerência mental, esta suposta coerência seria a ideologia e a satisfação seria a eficácia do reconhecimento dos sentidos compartilhados que signifiquem a realidade num universo simbólico em acordo com a estrutura social (LEVI-STRAUSS, 2008), incorporando estratégias que se impõe aos sujeitos através da violência simbólica cujos símbolos significam a realidade de acordo com a estrutura social.

Os mitos guardam estruturas comuns que revelam leis universais, posto que estão presentes em todas as formas de organização de vida social, e o pensamento mítico trabalha por analogias e aproximações a partir de agrupamento de seres e coisas para inserir um certa ordem no universo, porém não sendo um simples reflexo do real e do “concreto” e redundando muitas vezes em contradições, sendo este uma espécie de discurso, e como tal, deve ser entendido em seu próprio campo de significação, pois se organiza de uma forma em que ele próprio se constitui como contexto.

Os mitos são linguagens que servem “para dar a tradução socialmente autorizada, de fenômenos cuja natureza profunda ter-se-ia tornado igualmente impenetrável para o grupo” (LEVI-STRAUSS, 2008, p. 200) e para fundamentam as culturas, dão lógica aos simbolismos, aos ritos, aos costumes, às crenças, à religião mesmo que de forma ilusória.

[...] enquanto o mito fracassa em dar ao homem mais poder material sobre o meio. Apesar de tudo, dá ao homem a ilusão, extremamente importante, de que ele pode entender o universo e de que ele *entende*, de facto, o universo. (Lévi-Strauss, 2007, p. 29)

O mito não necessariamente precisa ser real, ele apenas dá sentido à estrutura cultural e é sempre compartilhado por uma crença coletiva na qual dados (mesmo

os contraditórios) se integram. Acontecendo ou não de fato, forja valores sociais e morais, além de designar um sentido à vida, forçando assim àqueles que estão submetidos aos seus simbolismos e signos a se enquadrarem em seu legado para atingirem um determinado fim, que o próprio mito forjou como algo a ser atingido. O desenvolvimento do sistema capitalista tem se realizado através da consolidação das ideologias dominantes como mitos modernos, uma vez que sem dominação não haveria capitalismo, nem exploradores nem explorados e a percepção desta realidade é ressignificada de forma a se descontradizer e leva os indivíduos a sustentarem o sistema sem notarem sua conjuntura e imbuídos da concepção de que não podem viver sem este sistema, por mais perverso que possa parecer, uma vez que:

A marca do mundo moderno é a imaginação dos seus beneficiários e a contra-afirmação dos oprimidos. A exploração e a recusa em aceitar a exploração como inevitável ou justa constituem a perene antinomia da era moderna, unidas numa dialética [...] (WALLERSTEIN, 1974, p. 346.).

A luta em torno das significações da realidade social é o motor da lógica do espaço social configurada numa temporalidade dúctil que vai tomando contorno através das rupturas e continuidades históricas que se dão na dominação social e em seu processo de reprodução que é sempre conflituoso devido à perspectiva de emancipação de alguns sujeitos e grupos que estabelecem uma disputa material e imaterial de poder, mas que encontra barreiras provenientes do poder simbólico exercido pelos grupos dominantes (DOSSE, 1994, p. 94). O rompimento desta dinâmica começa com questionar e denunciar a *doxa* ideológica dominante através da construção de uma hegemonia de rompimento com as contradições sociais que se estabelecem na delimitação dos paradoxos e na elaboração perspectivas críticas, denúncias e questionamentos desta condição e, para tanto, cabe ao campo intelectual e científico levantar e analisar dados para que possa produzir e disseminar conhecimentos que permitam um maior esclarecimento da sociedade sobre ela mesma de forma a transmitir este processo crítico e dialético às suas gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 99-138

_____. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, G. *O Amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos, 2014.

ALVES, M. H. M. *Estado e oposição no Brasil: 1964-1984*. Petrópolis: Vozes, 1987.

- APPADURAI, Arjun. *As Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema, 2004.
- ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Vol 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOLTANSKI, L; CHIAPELLO, E. *O Novo espírito do Capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *Esboço de uma teoria da prática*. In: Pierre Bourdieu. ORTIZ, Renato. (Org.) São Paulo: Olhos d'água, 2013.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. 6ª ed. Editorial Presença, Lisboa, 1990.
- BRASIL. *Constituição (1891) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm>. Acesso em 08/12/2017.
- BUCCI, E. *A imprensa brasileira, seu tempo, seu lugar e sua liberdade: e a ideia que (mal) fazemos dela*. In: BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M bra. *Agenda sileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; MOTA, Carlos Guilherme. *História da Folha de São Paulo: 1921 – 1981*. São Paulo: Impres, 1981.
- CATANI, Afrânio Mendes... [et.al.]. (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- COSTA, Sérgio. (1997): "Contextos da construção do espaço público no Brasil". *Novos Estudos*, no. 47.

- CHARAUDEUAU, P. El discurso de la información. La construcción del espejo social. Barcelona: Gedisa, 2003.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHOMSKY, Noam. Mídia: Propaganda política e manipulação. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- COSTA, Cristina. Ficção, comunicação e mídias. São Paulo: Senac, 2002.
- CUNHA, Isabel Ferin. Análise dos Média. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo, Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.
- DIAS, André Bonsanto. O Presente da Memória: Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o “golpe de 1964” e a “ditabranda”. Jundiaí: Paco Editorial: 2014.
- DOSSE, François. História do Estruturalismo – II: O canto do cisne, de 1967 aos nossos dias. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- DREIFUSS, R. M. 1964: A conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe. Ed: Vozes.
- DUMONT, L. *Homo Aequalis*. Paris: Gallimard, 1977.
- ESTEVES, Gabriel Papa Ribeiro. O Paradoxo da Realidade Social: Mídia, Memória e Ditadura no Brasil. Curitiba – PR: Appris, 2017.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FAORO, R. Os donos do poder, formação do patronato político brasileiro. Ed: Globo.
- FICO, Carlos. Além do Golpe, Versões controversias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2004.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. São Paulo: Globo, 2005.
- FORACCHI, M. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. 2.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. A história da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. A Ordem do discurso. 3ª.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. A Ordem do Discurso. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. A arqueologia do saber, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

- FRANCO, Renato. 10 Lições sobre Walter Benjamin. Petrópolis – RJ: Vozes, 2015.
- GIDDENS, A.; TURNER, J [ORG] Teoria Social Hoje. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. A concepção dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- _____. Cadernos do cárcere, vol. 5, edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: história, epistemologia, exercícios analíticos. Texto crítico apresentado a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Araraquara, 2008.
- GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Editora Àtica, 1990.
- HABERMANS, Jürgen. Mudança estrutural da ESFERA PÚBLICA. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- HERTZ, Daniel. A História Secreta da Rede Globo. São Paulo: Ortiz, 1989.
- HONNETH, Axel & FRAZER, Nancy. Recognition or Redistribution? A Political-Philosophical Exchange. London: Verso, 2003.
- HUWS, Úrsula. A Construção de um Cibertariado? Trabalho virtual num mundo real. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Orgs.) Infoproletários: Degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2015.
- KUCINSKI, Bernardo. A Síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: P. Abramo, 1998.
- KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda- Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- LARANGEIRA, Álvaro Nunes. A Mídia e o Regime Militar. Porto Alegre: Sulina. 2014.
- LAMBERT, Max. Devoirs du chef: déontologie et psychologie professionnelle. 2ª ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1942.
- LE BON, Gustave. Psicologia das Multidões. Presses Universitaires de France, 1895, Edições Roger Delraux, 1980.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- _____. Mito e significado. ed. 2007. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2007.

- _____. Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LIMA, Venício A. de [ORG] A mídia nas eleições de 2006. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2007.
- _____. Mídia: Crise política e poder no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo. 2006.
- LÖWY, Michael. Walter Benjamin: Aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo. 2005.
- MACHADO, R. Introdução. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MANHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MARX, K. O Capital, Crítica da Economia Política. Livro I. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. Dibatti sulla libertà di stampa, In Opere I. Roma: Editori Riuniti, 1980.
- _____; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã (I – Feuerbach). São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.34, p. 9-24, 1992.
- MICELI, Paulo. Sobre História, Braudel e os Vaga-lumes. A Escola dos Annales e o Brasil. IN: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo: contexto, 2003. pp. 259-270.
- MIGUEL, L. F. Política e mídia no Brasil: episódios de uma história recente. Brasília: Plano, 2002.
- MOUFFE, Chantal. O Regresso do Político. Lisboa: Gradiva, 1996.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. As ruas e a democracia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- NORA, Pierre. “O retorno do fato”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre, História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- OLIVEIRA, Francisco de. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal. In: OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia (Org.). Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e a hegemonia global. Petrópolis, Vozes, 1999.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- POLANYI, K. A grande transformação. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.
- RAMONET, Ignácio. A tirania da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2000.
- REIS, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

- RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: EDUNESP, 1993.
- RUBIM, Antônio A. C. (Org). Comunicação e Política: Conceitos e abordagens. Ed. UNESP, 2004.
- RUBIM, Antonio Carlos. Espetáculo, política e mídia. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.html>> Acesso em: 31/09/2012.
- SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas cidades, ed 34, 2000
- SCHMIDT, M. A; CAINELLI, M.; Ensinar História. Pensamento e ação na sala de aula. 3ª ed.-S.Paulo: Scipione, 2010.
- SEVERIANO, Mylton. Nascidos para perder. São Paulo: Insular, 2012.
- SIMMEL, G. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- SENNETT, Richard. O declínio do homem público: As tiranias da intimidade. Rio de Janeiro, Record, 2014.
- SINTONI, Evaldo. Em busca do inimigo perdido: construção da democracia e imaginário militar no Brasil (1930 – 1964). Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/ Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª. Ed. Rio de janeiro: MAUAD, 1998.
- SODRÉ, Muniz. A máquina de Narciso. São Paulo: Cortez, 1990.
- SOUZA, Jessé. A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.
- _____. (Não) Reconhecimento e subcidadania, ou o que é “ser gente”?. Lua Nova, Nº 59 – 2003.
- TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Orgs). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- THOMPSON, J. B. A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da Mídia. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- VENTURA, Zuenir. 1968: o Ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- WALLERSTEIN, Immanuel. O Sistema Mundial Moderno – I: A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto: Afrontamento, 1974.

Sites visitados

<<http://acervo.estadao.com.br>> Acesso em 07/06/2016.

<<http://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso em 05/06/2016.

<<http://acervo.folha.com.br/>> Acesso em 04/06/2016.<<http://www.donosdamidia.com.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

<<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>> Acesso em

15/03/2016.

<<http://bd.folha.uol.com.br/>> Acesso em 09/08/2016.

<<http://edicaodigital.folha.com.br/login.aspx>> Acesso em 01/07/2016.

<<http://ivcbrasil.org.br/default.asp?19538>> (Instituto Verificador de Comunicação) Acesso em 19/04/2016.

<<http://oglobo.globo.com/opiniao/para-nunca-mais-se-repetir-12022298>> Acesso em 19/06/2016.

<<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,meio-seculo-depois-imp-,1147202>> Acesso em 20/06/2016.

<<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/03/1433004-editorial-1964.shtml>> Acesso em 21/06/2016.

<<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento, pela Censupeg. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração pública 13, 20, 31, 86, 87, 88, 89

Agência 32, 33, 35, 37, 39, 40, 41, 68

Agenciamento 32, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Ancestralidade 49, 50, 53, 57, 58

Antropologia do estado 62

B

Biblioteca Universitária 135, 136, 137, 138, 139, 144

Bolha de filtros 43, 47

Bombeiro militar 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Bullying 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

C

Campi Universitários 120, 125, 126, 131, 133, 134

Catadores de materiais recicláveis 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Certificações 1, 2, 11, 12

Comércio 100, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158

Condição social 106, 184

D

Desinformação 43, 44, 45

Desordem da informação 43, 46, 47

E

Economia Criativa 91

Educação Superior 102, 144, 159

Estágio Probatório 86, 87, 88, 89

Estudo de usuários 135, 136, 140, 141, 143

F

Filtros de personalização 43, 44, 48

G

Gestão de resíduos sólidos 106

H

História 1, 34, 36, 40, 41, 58, 61, 73, 74, 77, 78, 82, 118, 138, 157, 175, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 192

I

Identidade 32, 33, 35, 36, 37, 41, 58, 71, 85, 138, 146, 180, 187, 189

Ideologia 58, 74, 80, 81, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 189, 190

Indexação 135, 136, 139, 140, 142, 143, 144

Índice 21, 24, 26, 27, 28, 30, 111, 120, 121, 125, 130, 131, 132, 134, 141, 168

Inovação 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

M

Metodologia 1, 62, 66, 69, 87, 130, 133, 137, 141

Mídia 4, 47, 48, 173, 175, 176, 177, 181, 187, 188, 189, 190

Mito 173, 174, 184, 185, 188

Mobilidade Sustentável 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 134

Movimentos Sociais 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 49, 52, 54, 72, 78

Mulheres Negras 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 108

N

Negociação 62, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 145, 146, 147, 148, 150, 155, 156, 157

Notícias falsas 43

O

OMC 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

P

Paradoxo da doxa 173, 178

Planejamento urbano 120

Poder 2, 4, 5, 11, 16, 36, 46, 58, 59, 62, 63, 68, 70, 73, 79, 82, 83, 95, 96, 107, 108, 109, 111, 112, 141, 149, 151, 152, 160, 167, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189

Política 21, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61,

68, 72, 74, 76, 77, 79, 82, 84, 85, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 123, 133, 144, 146, 147, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 180, 186, 187, 189, 190

Politização do sujeito 32, 33, 34, 35, 37, 40, 41

Processo de inovação 91, 93, 94, 96, 98, 100, 102

R

Regulamentação 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 79

Rússia 145, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158

S

Saúde 3, 5, 7, 8, 11, 32, 33, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 67, 85, 88, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 129, 151, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 169, 170, 171

Saúde do trabalhador 106

Sense-making 135, 136, 141, 142, 143, 144

Servidor Público 86

Setores criativos 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

T

Terceiro Setor 1, 2, 3, 4, 5, 6, 12, 14

U

Universidade 102, 125, 130, 134, 135, 137, 138, 139, 142, 144, 162, 163, 167, 171

V

Violência 53, 54, 56, 61, 79, 83, 115, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 178, 179, 184

 **Atena**
Editora

2 0 2 0